

Suplemento Cultural

POESIA

PUERIL

Mulher.
Cheiro de terra,
pela raiz que provoca.
Brisa de vento,
pelo frescor que causa.
Água de chuva,
pelas gotas que nos faz chorar.
Flerte de sol,
pela vida na qual nos cria.
Lua de esperança,
pelo banho de amor que nos dá.
Paisagem eterna,
pela flora em que transforma
nossos corações.

HENRIQUE DE MEDEIROS

MEU JARDIM INTERIOR

Sem um sorrir de flor, sem um rumor de ninhos,
aqui, só a tristeza mora.
A noite andou por estas alamedas
banhadas de luar
e que o folhame agreste invade.

Rezava.
As contas de cristal, do rosário desfeito,
rolam ainda sobre anêmicas roseiras.

Onde a rúbea eclosão de outrora?
Nem mais dos jasmineiros
pende a pureza em seu candor de neve!

Sombras idílicas
escorrem dos chorões magoados...

verdeja o musgo.
Vai-se alastrando a hera
no mármoreo repuxo adormecido.

Que falta faz!

ROSÁRIO CONGRIO

O mundo simbólico de Sila Passarelli

*Eu vi uma rosa
Uma rosa branca sozinha no
galho - Manuel Bandeira*

Maria da Glória Sá Rosa

O olhar de Sila apropria-se não apenas da rosa sozinha no jardim, na rua, no mundo, mas de todas as flores que esplendem em formas, cores e sons no sol do meio dia. Sua pintura, à semelhança da poesia de Baudelaire, é um produto de sensações, formas, cores, sons, sabores, em telas que reinventam a graça essencial, o mistério inefável da vida. À semelhança da pintura impressionista, provoca, em determinado instante, mágico e único, emoções que nunca mais se repetirão.

De modo geral, suas flores são dotadas de linguagem própria, o que as remete ao mundo dos signos onde têm autonomia, falam, respiram, comunicam-se com o espectador capaz de captar o imanente, o transcendental, que se esconde por detrás das pétalas e até dos espinhos.

Na luminosidade das cores, no contraste entre tons, que se buscam na harmonia da arte, Sila Passarelli, pioneira das artes plásticas em MS, encontrou a vibração, que lhe dá forças para viver.

Estimulada pelo prazer de transformar objetos em signos e símbolos, criou centenas de obras, valendo-se do óleo sobre tela da espátula, do guache do bico de pena, do giz pastel.

Todas as técnicas servem a esta artista que encontrou na natureza o segredo de conferir às flores status de realeza.

Depois de inúmeras exposições no Brasil e no exterior, em cursos que evidenciaram sua habilidade no preparo das telas, no uso de pigmentos, na feitura da têmpera, Sila continua cheia de planos, reafirmando postura corajosa diante da natureza, fonte inspiradora, de cuja contemplação retorna com novos ritmos, novos temas reforçadores do processo criativo.

O CAMINHO DAS ÁGUAS

AUGUSTO CÉSAR PROENÇA

Muito antes dos civilizados, os índios do Pantanal já navegavam pelo Rio Paraguai e afluentes, principalmente os guatós e os paiaguás, também conhecidos como canoieiros. Em canoas leves, escavadas a fogo e aparadas a instrumentos rudimentares, faziam longas viagens com suas famílias, ou guerreavam contra as expedições espanholas que cruzavam a planície pantaneira em direção às montanhas de prata do Peru. Expedições, essas, que, ao longo do século XVI, cumpriram o ciclo expansionista espanhol no vale do Rio Paraguai, tendo a atual cidade de Assunção como ponto de partida para as canoas e os bergantins que subiam por esse grande rio, ou navegavam pelos seus afluentes localizados na região do Chaco e do Pantanal.

Mais tarde, século XVII, em grandes canoas de 12 a 15 metros de comprimento, apareceram as bandeiras paulistas ou monções, que, com a finalidade de escravizar o braço indígena para as lavouras do litoral, acabaram encontrando ouro às margens do Rio Coxipó, em cuja proximidade fundaram o Arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, em 1719, hoje a progressista capital do Estado de Mato Grosso. As minas de Cuiabá



FOTO: GOOGLE

Rio Paraguai em época de cheia – Corumbá-MS

ocasionaram o aproveitamento do curso das águas pertencentes às bacias do Paraná e Paraguai. Existiam quatro principais rotas que os bandeirantes utilizavam para saírem de São Paulo e chegar em Mato Grosso:

1. De São Paulo, pelo Rio Tietê.
2. Rota de Vacaria.
3. Rota do Rio Verde.
4. Rota de Camapuã.

A mais utilizada era a rota de Camapuã, onde se atravessava por um varadouro do mesmo nome e existia uma fazenda para pouso, abastecimento e possível troca de canoa. Esse ponto era o divisor de águas entre as bacias do Paraná e Paraguai.

No último quartel do século XVIII, porém, dois fatos importantes deram incremento à navegação fluvial: a homologação do Porto de Buenos Aires, em 1778; e a criação do Consulado do Comércio, em 1794.

O comércio entre Assunção e Buenos Aires tornou-se significativo e possibilitou a instalação de um estaleiro em Assunção, para construção de embarcações apropriadas à navegação do Rio Paraguai, utilizando as madeiras existentes nas matas ciliares, que eram abundantes. Assim, o estaleiro de Assunção passou a construir botes, barcos e guarandumbas – espécie de balsa –, nas quais carregavam-se a madeira e a erva-mate, o principal

produto enviado para Buenos Aires, pelo mercado de Assunção.

Para se ter uma ideia da navegação fluvial daquela época, é interessante dizer que as guarandumbas, embarcações feitas de cedro (ipache) e as mais usadas pelos paraguaios, transportavam de 3.000 a 30.000 arrobas.

No início do século XIX, a História registra a presença de sumacas navegando pelo Rio Paraguai. Sumacas eram embarcações à vela, de dois mastros, que saíram de Assunção para atacar o Forte de Coimbra, em 1801.

Todos esses fatos históricos deram início ao ciclo da navegação fluvial, cujo desenvolvimento ocorreu no século XIX e se estendeu até o século XX.

“

A mais utilizada era a rota de Camapuã, onde se atravessava por um varadouro do mesmo nome e existia uma fazenda para pouso (...). Esse ponto era o divisor de águas entre as bacias do Paraná e Paraguai”

Padeiro romântico

ULISSES SERRA

Enclausurada por léguas de sertão, Campo Grande, povoado trepidamente, atraía forasteiros de todas as partes e apresentava elevado índice de criminalidade.

Tanto que Vespasiano Martins, numa deliciosa palestra proferida em 1943, no Rotary, e por ocasião do 26 de Agosto, contou: “Menino ainda, na Fazenda Campeiro, onde nasci, ouvia, muitas vezes, minha mãe perguntar ao viandante que daqui procedia: - Quem mataram por último em Campo Grande? Sempre vinha a notícia não de um crime, mas de um rosário deles.”

Quando um homem morria, não se perguntava de quê, porém, quem o matou. E era legenda de guerra, entre os caboclos valentes, que homem não morre na cama, morre de botina.

Historiadores como Emílio Barbosa e criminalistas como Paulo Coelho Machado explicam bem esse fenômeno social.

Por isso, um estampido, ou um grito dentro da noite, ecoava sinistramente como um aviso soturno de desgraça. À noite, as esposas e as mães insones e aflitas só se aquietavam quando o esposo, ou o filho, batia à porta a anunciar que chegara. Raras as manhãs em que um, dois ou três cadáveres não tarjavam de luto o vermelho das estradas e das ruas. Esse clima de insegurança e apreensões perdurou por vários anos, indo mesmo muito além do ciclo civilizador da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Assim, em 1916, de permeio com o bramido do bacamarte dos Cabra Velho e Chico Preto, um italianinho, natural de Aieta, de olhos entre o azul e o verde, de cabelos entre o castanho e o loiro, punha notas de lirismo na poesia das madrugadas. Entregava pão e tocava flauta. Nas antemanhãs chuvosas ou enluaradas, ouvia-se, ao longe, a sua carocinha, que vinha anunciada pelos acordes da sua flauta, os quais chegavam do meio que o ruído dos guizos do

arreio, do tropel do animal e das rodas. Às canções napolitanas, às barcarolas venezianas e às coplas calabresas preferia as nossas valsas, lentas e amarguradas, que talvez melhor se mesclassem com o perfume da guavira e o escarlate das ruas. Parava de casa em casa. Depois, pouco a pouco, a carocinha se afastava, levando o garoto e sua flauta. Perdiam-se na distância e no lusco-fusco da aurora, entre vultos embaçados na penumbra. Teria medo? Tocava como aquele que canta ou assobia para sentir a companhia de si mesmo? Não. Ele tinha alma de artista e o artista não prevê, nem acredita na maldade dos homens, por isso não a teme. É apenas, como disse Itúrbides Serra, ao comentar SONOMETRIA E MÚSICA, do aureolado paranaense Benedito Nicolau dos Santos, um suicida das suas próprias emoções.

Mas ao abrigo de muitos tetos e sob o afaço morno de lençóis, muitos corações de mulher ouviram aquelas melodias, compre-

enderam-lhes as mensagens e temeram pela sorte do cancionista descuidado.

Italianinho, mais tarde, de traje esporte ou a rigor, foi nota de elegância em nossos salões e figura marcante nos tríduos carnavalescos, metendo-se nas furiosas batalhas de serpentinas e confetes ou comandando carros alegóricos.

Hoje, avô, de cabelos que não são mais loiros nem castanhos, mas manchas de geadas, constrói imponente mansão de linhas eurítmicas, tão belas quanto arrojadas, por ele próprio projetada, futura atração turística da cidade.

Do seu teto, da sua sala de música, vão pender e refletir lustres de cristais, e do seu piso, a beleza do mármore. Mas as horas mais poéticas que viveu e as mensagens mais líricas da sua flauta foram quando sentia o manto aveludado da noite, recebia o beijo das madrugadas, sentia n'alma o borbulhar dos sonhos e era o mais original, o mais romântico fornareto que o mundo conheceu.

CRENDICE

NELLY MARTINS

Caburé, conhecido como pássaro noturno, é ativo dia e noite.

Seu cantar à luz do sol desafia a passarada e, na escuridão, atravessa o espaço, ressoando longe. Canto persistente, sem variação, goiteira cantante, martelar sonoro.

Os passarinhos e até pássaros maiores chegam perto e ficam a ouvir a corujinha velhaca, que os pega de surpresa e se alimenta, em especial, dos mio-

los desses incautos infelizes.

O que facilita essa caça é a sua falsa face na parte traseira da cabeça, a chamada face occipital. Ela é mais marcada e vistosa que a real, e isso faz com que os pássaros pensem que estão a uma passo do seu bico. Nesse momento, ele avança voando e captura a caça indefesa.

Para os supersticiosos, as histórias sobre o caburé despertam cismas.

É simpatia das boas, de acordo com a crendice popular, ter uma pena desse pássaro como amuleto.

Pena na aba do chapéu, na bolsa, bolso, carteira ou missal conserta a vida, acerta os amores, espanta as dores. Caboclo com pena no chapéu ronca grosso, está com tudo e não precisa de mais nada.

Compra-se uma de vendedores, feiras ou lojas de artigos de candomblé.

Eu possuía uma amiga que tinha um caburé engaiolado. Sua casa era muito movimentada por pessoas que até iam em busca de favores. O pássaro em sua gaiola, dependura-

da no corredor de entrada, vivia tristonho, feioso, depenado. Ora sem asa, ora sem rabo, muitas vezes sem os dois.

E sempre se ouvia a dona da casa reclamar:

Quem anda arrancando as penas do meu caburé? Por que não deixam o bichinho em paz?

E tanto arrancaram que deram cabo do pássaro. Não aguentou ele a depenada; foi ficando triste, abatido e morreu quase sem penas, pelado.